

OS MEIOS OU AS MEDIAÇÕES: qual o objeto de estudo da comunicação? ¹

Laan Mendes de Barros²

***Resumo:** A partir das formulações teórico-epistemológicas de Jesús Martín-Barbero, que propõe um deslocamento dos estudos da comunicação “dos meios às mediações”, este trabalho discute a questão de nosso objeto de estudo. Ao confrontar o “midiacentrismo” predominante no pensamento comunicacional latino-americano da segunda metade do século XX, e o fascínio com as tecnologias digitais dos tempos atuais, procura-se compreender a contribuição de Martín-Barbero para o debate epistemológico da área. Na reflexão é retomado um debate entre Luiz Martino e Lucrecia Ferrara, ocorrido na Faculdade Cásper Líbero; bem como, referenciais do pensamento francês, de autores como Paul Ricœur, Mikel Dufrenne e Dominique Wolton.*

***Palavras-Chave:** comunicação, epistemologia da comunicação, meios e mediações.*

1. Introdução

Os limites de nosso campo e a especificidade de nosso objeto de estudo são temas recorrentes em nossas discussões e estão no centro das nossas atenções desde os anos sessenta³. Nos últimos anos o GT da Compós *Epistemologia da Comunicação* tem se ocupado intensamente com essa problemática, como se pode notar nos temas dos trabalhos apresentados. Em 2003 a mesma Associação realizou na USP o seminário *Epistemologia da Comunicação*, que teve seus trabalhos publicados em livro organizado pela professora Maria Immacolata Vassalo de Lopes (2003), coletânea que reflete bem a complexidade do tema e variedade de abordagens. Em debate recente realizado no programa de pós-graduação da Cásper Líbero, com a presença de convidados externos, questões sobre nossa identidade

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho “Epistemologia da Comunicação”, do XVII Encontro da Compós, na UNIP, São Paulo, SP, em junho de 2008.

² Faculdade Cásper Líbero – laan@facasper.com.br.

³ A bibliografia da área atesta esse questionamento sobre os contornos de nosso campo e o foco de nossas pesquisas. Dentre as obras mais presentes nos cursos de Teoria da Comunicação, os trabalhos de Mauro Wolf, de Armand e Michelle Matelart, de Melvin De Fleur e Sandra Ball-Rokeach e de Bernard Miège, como recorda Venício de Lima, em *Mídia, Teoria e Política*, registram a prioridade da mídia nas pesquisas em comunicação e o confronto entre abordagens mais críticas e outras mais pragmáticas dos fenômenos midiáticos

como disciplina e as delimitações dos estudos de Comunicação Social voltaram a ser discutidas⁴. O título do seminário já anunciava essa natureza indagadora dos debates epistemológicos: “*Comunicação: saber, arte ou ciência?*”.

No desenrolar do referido evento, os professores Lucrecia Ferrara e Luiz Martino travaram um interessante debate sobre o foco de nossa atenção: na mídia ou nas mediações? Martino propunha maior especificidade na definição do objeto de estudo da comunicação e advertia para o perigo da dispersão quando a abordagem se dá em uma perspectiva interdisciplinar, sustentada no empréstimo de teorias de outras áreas. Para ele, “uma visão interdisciplinar tão ampla de comunicação, abrangendo todas as teorias, não constitui exatamente uma crítica à ciência, como se pretende. Pelo contrário. Trata-se de uma negação da ciência, de se voltar as costas para ela”⁵. Ferrara se opunha a uma delimitação estreita de nosso objeto de estudo, quando este fica restrito ao universo midiático. Para ela, “não se pode reduzir toda mediação ao território da mídia (...) trabalhar a epistemologia da comunicação vinculando-a, exclusivamente, à característica midiática da comunicação é reduzir o objeto”.

Naquele momento do debate me vieram à mente as formulações de Martín-Barbero, que confrontam mídia a mediações. Elas retornam agora no corpo deste artigo, que – já no seu título – toma emprestado do autor espanhol-colombiano os dois termos na forma de uma indagação – os meios ou as mediações? – para uma breve reflexão epistemológica sobre o objeto de estudo da comunicação.

Este trabalho parte, portanto, da experiência concreta de discussão de um programa de pós-graduação e da interlocução com outros pesquisadores. Toma a teoria das mediações proposta por Martín-Barbero como ponto de referência, a fim de examiná-la como possível elemento mediador – para utilizar o próprio termo difundido pelo autor – em nossos exercícios epistemológicos. Pretende-se com isso contribuir para o debate epistemológico e para o avanço de nossa área de pesquisa.

⁴ O Programa de Pós-Graduação da Faculdade Cásper Líbero promoveu, em agosto de 2007, o seminário *Comunicação: saber, arte ou ciência?* Como conferencista convidado, o evento contou com a presença de Luiz Martino, professor e pesquisador na Universidade de Brasília (UnB), e, como debatedoras, Lucrecia D’Alécio Ferrara, professora e pesquisadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e coordenadora do GT de Epistemologia da Compós, e Cremilda Medina, professora e pesquisadora da Escola de Comunicações e Artes, da Universidade de São Paulo (ECA-USP).

⁵ Aqui e em outros pontos deste artigo são inseridos trechos transcritos das intervenções de Luiz Martino e Lucrecia Ferrara durante o seminário *Comunicação: saber, arte ou ciência?*

2. Um deslocamento metodológico

O debate ocorrido na Cásper Líbero – que teve seqüência nos diálogos com os pesquisadores da casa e, no dia seguinte, com a presença de Cremilda Medina – trouxe à tona a questão do que poderíamos chamar de “midiacentrismo” na delimitação de nosso objeto de estudo. Mídia, midiatização, mediatização e mediação foram termos utilizados naquela ocasião e estão presentes em nossos discursos; muitas vezes eles são sobrepostos, ou utilizados de maneira pouco precisa. Falta dar a esses termos maior clareza; ou, ao menos, identificar suas diferentes conotações no vocabulário da área de comunicação. Em boa medida, este é o objetivo deste texto, que recupera em seu desenvolvimento outros momentos do referido debate e foca de maneira particular o conceito de “mediações” proposto por Martín-Barbero. Por outro lado, o debate pode se ampliar e se aprofundar no contexto do próprio GT de *Epistemologia da Comunicação* da Compós.

Como se sabe, Martín-Barbero opta pelo termo “mediações”. E ele não o faz apenas por uma questão de semântica. Ele opta pelas mediações em contraposição aos meios, como centro de atenção da pesquisa em comunicação. Trata-se, portanto, de um deslocamento metodológico – ou epistemológico, poderíamos dizer –, como ele próprio explicita já na introdução de sua reconhecida obra *Dos meios às mediações* :

A comunicação se tornou para nós questão de *mediações* mais do que meios, questão de *cultura* e, portanto, não só de conhecimentos mas de re-conhecimento. Um reconhecimento que foi, de início, operação de deslocamento metodológico para rever o processo inteiro da comunicação a partir de seu *outro* lado, o da recepção, o das resistências que aí têm seu lugar, o da apropriação a partir de seus usos. Porém num segundo momento, tal reconhecimento está se transformando, justamente para que aquele deslocamento não fique em mera reação ou passageira mudança teórica, em reconhecimento da história: reapropriação histórica do tempo da modernidade latino-americana e seu descompasso encontrando uma brecha no embuste lógico com que a homogeneização capitalista parece esgotar a realidade do atual. (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 16)

Esse deslocamento se configura no grande diferencial do pensamento de Martín-Barbero e se desdobra, como se pode ver no texto acima citado, em um movimento de “reapropriação histórica do tempo da modernidade latino-americana”, em uma leitura crítica da sociedade capitalista e dos fenômenos midiáticos. Tal crítica não se perde, no entanto, na supervalorização da mídia e na simplificação linear do processo comunicacional. Seus comentaristas destacam essa marca. É o caso, por exemplo, da avaliação feita por Garcia Canclini no prefácio do livro *Dos Meios às Mediações*, segundo a qual, o autor parte de uma

visão menos ingênua da evolução das sociedades. Segundo ele, a obra de Martín-Barbero “oferece uma das refutações teóricas mais consistentes às ilusões românticas, ao reducionismo de tantos marxistas e ao aristocratismo frankfurtiano”. García Canclini lembra, também, que a obra “percorre várias disciplinas. Dado que desloca a análise dos meios de massa até as mediações sociais, não é só um texto de comunicação” (GARCÍA CANCLINI in MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 12). Trata-se, portanto de um pensamento que se inscreve no campo da interdisciplinaridade, a respeito da qual Martino advertia sobre os riscos de dispersão. Ao mencionar a sintonia da obra com os estudos sociológicos, antropológicos e políticos, no mesmo prefácio, Garcia Canclini recorda que ela não está situada exclusivamente “em nenhuma dessas disciplinas, porém serve a todas”.

O protagonismo de Martín-Barbero no cenário comunicacional latino-americano fica evidente na recorrência de citações de seus livros por parte de diversos pesquisadores. A passagem dos dez anos de publicação de sua principal obra foi comemorada com a edição do livro *Mapas Nocturnos: diálogos con la obra de Jesús Martín-Barbero* (GARCÍA CANCLINI et alli, 1998), que reúne autores de diferentes países da América Latina, com textos que comprovam as repercussões de suas idéias.

Outra publicação que reúne reflexões sobre a vida e obra de Martín-Barbero, foi publicada pela Cátedra Unesco, sediada na Universidade Metodista de São Paulo, sob a organização de José Marques de Melo e Paulo da Rocha Dias. Desse livro, cito Efendy Maldonado:

Jesús Martín é um alicerce teórico fundamental da crítica ao *funcionalismo* hegemônico em comunicação. Ao criticar o esquematismo da esquerda e ao formular a teoria das mediações culturais e sociais, ele conseguiu revitalizar o campo de estudos da comunicação na América Latina. (MALDONADO in MELO & DIAS, 1999, p. 113-114)

O modelo formulado por Martín-Barbero tem sido bastante utilizado nos estudos de recepção e nas articulações da comunicação com a educação. Tem servido como referencial teórico-metodológico para as pesquisas de campo que se ocupam da análise dos processos midiáticos e suas repercussões na sociedade e das articulações entre comunicação e cultura. Trata-se de modelo bem difundido na América Latina e mesmo fora dela, que apresenta uma nova perspectiva teórico-metodológica. É pertinente, portanto, que ele seja chamado de *o paradigma das mediações*, como adotam vários autores.

3. Mídia ou cultura? Tecnologia ou humanidade?

Quando nos voltamos às delimitações de nosso objeto de estudo, a indagação persiste: mídia ou sociedade? Tecnologia ou cultura? O interior ou o entorno do processo comunicacional? Entre os estudos da mídia e os estudos da cultura de massa – tecnologia e cultura – Luiz Martino propõe uma articulação. Segundo ele, “meios de comunicação não é só tecnologia”. No entanto, não se pode tomar como objeto de estudo da comunicação a cultura de forma genérica; para Martino, “a cultura interessa quando ela é mediada pela técnica”. É a partir do cruzamento dessas duas idéias que ele propõe o termo “atualidade” como objeto de estudo da comunicação.

É assim que eu prefiro tratar o objeto da comunicação. Se quiser meios de comunicação, ótimo, desde que a gente perceba que eles não são só tecnologia; cultura de massa, ótimo, desde que a gente perceba que é na intersecção com a técnica que isso interessa, técnica de comunicação. Então, isso eu chamo atualidade.⁶

Martino explica que “os meios permitem uma espessura do tempo vivido do contemporâneo”; que em “uma sociedade que se tornou complexa, onde vivemos muitas coisas ao mesmo tempo, nós passamos a nos interessar pelos acontecimentos de cada dia, porque o tempo presente se alarga”⁷.

Pensar a comunicação como “atualidade” é trazer a questão do tempo presente – a contemporaneidade – para o centro de nossas atenções. E neste caso, outros desafios epistemológicos se apresentam. Primeiro, a abrangência desse tempo presente. Uma década? Um ano? Um mês? Qual o recorte temporal desse objeto de estudo? Trata-se do tempo físico, ou do tempo simbólico? Do tempo cronológico ou do tempo cultural?⁸ Segundo, a acelerada evolução dos meios de comunicação nos tempos atuais. “Como trabalhar a comunicação na contemporaneidade em um contexto no qual os parâmetros teóricos tradicionais da comunicação de massa e da indústria cultural parecem ser insuficientes para dar conta disso que se passou a chamar de sociedade em rede?” (BARROS & KÜNSCH, 2007, P.14). Terceiro, a interdependência cada vez mais intensa entre ser humano e máquina, que se desdobra na sobreposição entre sujeito e objeto de pesquisa. Essa relação acaba interferindo

⁶ Transcrição de fala de Luiz Martino durante o seminário *Comunicação: saber, arte ou ciência?*

⁷ Idem

⁸ “Mais que a seqüencialidade, própria da diacronia do tempo histórico, com sua evolução dos fatos de maneira sucessiva, as tecnologias de comunicação e de informação contemporâneas propõem uma relação de simultaneidade” (BARROS, 2006:11-12)

na capacidade cognitiva do ser humano, influenciando suas ações de captação, sistematização e representação de informações.

Por certo, o conceito proposto por Martino, não se limita à esfera do tempo. De certa forma, isso que ele denomina de “atualidade” pode ser relacionado com o que Martín-Barbero chama de “mediações”. Se a comunicação tem como essência seu caráter de atualidade, há de se reconhecer que a mídia é elemento determinante da configuração da vida na sociedade contemporânea. Ainda mais quando ela ganha mobilidade por conta das tecnologias digitais e da telefonia celular. A mídia se apresenta, assim, como elemento de mediação social. Mais do que examinar suas entranhas, suas estruturas internas, Martín-Barbero nos convida a conhecer as estruturas de seu entorno. Na publicação comemorativa de sua obra – já citada anteriormente – García Canclini avalia que ela *“fue decisiva en estos diez años para que dejáramos de aislar a los medios y concibiéramos la acción de estos como parte de las mediaciones sociales”*⁹ (GARCÍA CANCLINI et alli, 1998, p. 7). O que se percebe, portanto, é que a concepção de “mediações” não se apresenta para substituir os meios. Os meios fazem parte das mediações sociais, que nos envolvem no tempo presente, na contemporaneidade. As mediações estão no tempo-espaço da contemporaneidade, estão na produção e re-conhecimento da “atualidade”.

Mas quando nos lançamos a campo, quando nos deparamos com a necessidade de um recorte concreto de um objeto de estudo, a polêmica persiste. Afinal, quais são os contornos, a amplitude e as interdições do objeto específico dos estudos da comunicação? Qual é a importância da mídia na configuração desse objeto? Importam tanto os processos comunicacionais mediados como os não-mediados? Como registramos no início deste artigo, Lucrecia Ferrara se opõe a uma vinculação estreita do objeto de estudo da comunicação ao universo midiático:

Se admitirmos que os meios são estritamente tecnológicos, vamos também ter de admitir que o objeto de estudo da comunicação fica bastante reduzido. Sem contar que precisaríamos admitir igualmente a possibilidade concreta de cairmos no ufanismo tecnológico, que freqüentemente redundava em descrição dos aparatos tecnológicos.¹⁰

⁹ Em tradução livre: “foi decisiva durante esses dez anos para que deixássemos de isolar os meios e concebêssemos sua ação como parte das mediações sociais”.

¹⁰ Transcrição de fala de Lucrecia Ferrara durante o seminário *Comunicação: saber, arte ou ciência?*

E quando a pesquisa fica limitada ao âmbito da descrição, pouco ela avança na construção de novos conhecimentos. Tal estágio no empreendimento investigativo é compreensível quando se fala em iniciação científica; mas no âmbito da pós-graduação é de se esperar a evolução da pesquisa, na interpretação e explicação dos fenômenos tratados. Há de se concordar com a professora Ferrara na crítica que ela faz em relação à mera descrição do objeto de pesquisa, em uma operação burocrática. Como ela afirma, “essa descrição, sob o ponto de vista científico, deixa muito a desejar”¹¹. Essa limitação acaba levando à subordinação da pesquisa ao objeto, da teoria à prática. E neste sentido, a disciplina perde consistência como campo de conhecimento, que fica restrito a um conjunto de técnicas. E como os fenômenos da comunicação vão muito além desses saberes técnicos, sua teorização acaba sendo transferida a outras disciplinas.

Mais do que os meios, interessam-nos as mediações que envolvem os processos comunicacionais. Ao argumentar que a opção pelos meios como objeto científico da comunicação reduz esse objeto, a pesquisadora da PUC-SP conclui que, “por esse ângulo, baniríamos do estudo do objeto da comunicação todas as relações sociais e interpessoais que freqüentemente são mediadas pelo verbal”. E ela aprofunda o seu questionamento:

Como definir o objeto da comunicação, diferenciando-o, de um lado, do simples estudo das relações e das mudanças sociais, que é o domínio das ciências sociais, e, de outro, do risco da descrição ufanista dos meios tecnológicos? O grande desafio de uma epistemologia da comunicação estaria na dificuldade de definição desse objeto; mas qual é esse objeto que supera tanto a docilidade interdisciplinar quanto a aderência aos meios tecnológicos?¹²

De fato, aí está o nosso desafio: encontrar um objeto de estudo que supere a “docilidade” e a certa dispersão interdisciplinar e, ao mesmo tempo, não se entregue a um sentimento “ufanista” em relação aos meios tecnológicos. Neste sentido, algo que marca o pensamento de Martín-Barbero é a centralidade do ser humano – inserido em seu lugar social e marcado por vivências e mediações – nos estudos da comunicação. Essa herança humanística vem de sua formação na área da Filosofia e de seus vínculos intelectuais com o humanismo europeu¹³. Nessa perspectiva, os estudos de comunicação se articulam com o universo da cultura e da política, com fortes laços com o campo da antropologia.

¹¹ Idem

¹² Idem

¹³ Espanhol, radicado na América Latina desde 63, Jesús Martín-Barbero retornou em 68 à Europa e realizou estudos em Lovain e em Paris.

Como argumenta Dominique Wolton – pensador que representa bem essa tradição humanística – “a comunicação é antes de tudo uma *experiência antropológica* fundamental. Intuitivamente, comunicar consiste em um intercâmbio com o outro”. Por outro lado, ele lembra também, que a comunicação é “*o conjunto de técnicas* que, no período de um século, rompeu as condições tradicionais da comunicação direta, para substituí-la pelo reinado da comunicação à distância”. E, por fim, que “*a comunicação se converteu em uma necessidade social funcional* para economias interdependentes” (WOLTON, 1997, p. 14-16). Por certo, essas três dimensões da comunicação encontram-se articuladas entre si e são interdependentes. A comunicação não é isso *ou* aquilo, mas isso *e* aquilo. Ela é, ao mesmo tempo, uma “experiência antropológica”, um “conjunto de técnicas” e uma “necessidade social”.

Mas cabe observar que quando Wolton encabeça sua decupagem fenomenológica com a identificação da comunicação como uma “experiência antropológica”, ele traz o ser humano para o centro das atenções, e contextualiza sua condição social, marcada por diferentes demandas, onde comunicação se apresenta como “necessidade social funcional” no mundo contemporâneo. Mesmo ao falar da dimensão técnica da comunicação, ele o faz tomando o ser humano como referência, e seus conflitos de relacionamento como desafios não vencidos pelo “conjunto de tecnologias” da comunicação. Quando se volta ao confronto entre meios e mediações, entre mídia e cultura, Wolton fala de “comunicação mediatizada” e “comunicação direta” e reforça a preocupação com as relações humanas e seus problemas:

Plus la communication médiatisée s'améliore, brisant les échelles de temps et d'espace, plus la communication directe, physique, avec autrui paraît davantage contraignante. Il est plus facile de dialoguer d'un bout de la planète à l'autre qu'on en oublie les difficultés, indispensables, du « face-à-face ». Les techniques n'ont pas résolu les problèmes de la communication humaine, elles les ont simplement différés, repoussés au bout des claviers et des écrans. Au-delà de toutes ces techniques de plus en plus simples, bon marché, ludiques, interactives, l'autre est toujours présent, aussi difficile d'accès, aussi difficile à comprendre et à intéresser. Comme si les difficultés de la communication humaine étaient simplement mises entre parenthèses par les prouesses techniques¹⁴ (WOLTON, 1997, p.56).

¹⁴ Em tradução livre: “quanto mais a comunicação mediatizada se aprimora, rompendo as escalas de tempo e espaço, mais a comunicação direta, física, com o outro padece de uma desvantagem constrangedora. É mais fácil dialogar de um lado ao outro do planeta, e, com isso, esquecer as dificuldades, inevitáveis, do “face à face”. As técnicas não resolveram os problemas da comunicação humana; elas simplesmente os transferiram de lugar, empurrando-os, enfim, para os botões dos teclados e os monitores. Apesar de todas essas técnicas, cada vez mais simples, acessíveis, lúdicas e interativas, o outro continua sempre presente, ainda difícil de ser acessado, ainda difícil de ser compreendido e de despertar interesse. É como se as dificuldades da comunicação humana tivessem sido simplesmente colocadas entre parênteses devido às maravilhas tecnológicas”.

O que se percebe, nas idéias de Wolton, que em grande medida também repercutem nas idéias de Martín-Barbero, é que a questão de fundo é maior do que a definição do suporte mais ou menos tecnológico nos quais transitam as mensagens. Não se trata da discussão entre “primeiridade, secundidade e terceiridade”, segundo as categorias fenomenológicas de Peice. Estudar comunicação implica em trabalhar com as contradições da sociedade moderna, mediadas pelos fenômenos midiáticos.

O autor francês define três desafios para se pensar a comunicação (WOLTON, 1997, p. 356-357): No primeiro, *o nível social*, ele retoma o confronto entre comunicação mediatizada e comunicação direta, lembrando que quanto os meios se sofisticam, “quanto mais existe comunicação, mais os indivíduos precisam de mediação, de tradução” a fim de reduzir os conflitos interpessoais e sociais. Ele parece lamentar que “quanto mais existe de comunicação, mais se produzem distanciamentos”. No, *o nível político*, Wolton recorda que a comunicação jamais levou ao desaparecimento das hierarquias e injustiças, pois “toda comunicação está acompanhada de poder”, segundo ele. Por fim, *no nível antropológico*, ele lembra que o indivíduo das “sociedades modernas” passa entre oito e doze horas frente a uma tela de computador – se somadas as horas de trabalho, lazer e atividades de estudo – e sugere que estamos criando uma nova espécie humana, de “*soliloques interactives*”.

4. Meios e mediações

Retomando o debate do seminário que motivou esta reflexão, há de reconhecer que o ser humano é, sim, elemento essencial de nosso objeto de estudo. Afinal, estamos no campo das ciências humanas. E se reconhecemos a dimensão antropológica de nossa disciplina, não basta trabalhar na esfera da produção – por certo humana – das mensagens, que se dá, na maior parte das vezes em um contexto institucional, fortemente marcado pelas demandas da sociedade mercantilizada. É preciso pensar a reelaboração dessas mensagens por parte do receptor para além da mídia, no campo das mediações. Para Ferrara,

Não há como confundir mediação e mídia, pois são coisas completamente distintas. A mediatização tem uma intencionalidade que a torna profundamente diferente da mediatização comunicativa. A mediatização estabelece claramente um programa de recepção. Ela se monta, se modela na sua produção para atingir determinado resultado no processo de recepção. Isso é mídia. Mediação é outra história. Envolve

uma intencionalidade comunicativa, mas não se pode reduzir toda mediação ao território da mídia.¹⁵

O que se observa, no entanto, na concepção formulada por Martín-Barbero é que o deslocamento dos “meios às mediações” leva ao resgate da figura do receptor, tomado então não como mero receptáculo de mensagens veiculadas pelos meios, mas como participante ativo do processo que se desenrola. Mais do que o objeto que sofre a ação, o receptor – ou “fruidor”, como adota Umberto Eco em *A Obra Aberta* (1979) – se converte em sujeito da ação. O tempo histórico e o lugar social no qual estão inseridos os receptores criam um contexto de mediações, que fazem da experiência estética¹⁶ – do grego *aisthesis* – uma oportunidade de elaboração poética – do grego *poiesis* – na qual o fruidor é mais do que um decodificador daquilo que “o emissor depositou na mensagem”. Os sentidos de cultura e de política são, então, permeados pela problemática da comunicação.

Nessa perspectiva não é o fato de ser mediatizada ou midiaticizada – mediada ou não-mediada – que faz da comunicação um fenômeno mais ou menos democrático e participativo. A abordagem deve ser outra. De fato, “mediação é outra coisa”. Só que mais do que a “intencionalidade comunicativa”, ela aponta as possibilidades interpretativas com as quais o receptor lida quando se apropria dos discursos da mídia. E, neste sentido, nosso estudo se distancia de um exercício sintático-semântico do composto meio-mensagem para uma análise semântico-pragmática, na qual o texto faz parte de um contexto e a mídia faz parte das mediações sócio-culturais.

Abre-se assim ao debate um novo horizonte de problemas, no qual estão redefinidos os sentidos tanto da cultura quanto da política, e do qual a problemática da comunicação não participa apenas a título temático e quantitativo – os enormes interesses econômicos que movem as empresas de comunicação – mas também qualitativo: na redefinição da cultura, é fundamental a *compreensão de sua natureza comunicativa*. Isto é, seu caráter de processo produtor de significações e não mera circulação de informações, no qual o receptor, portanto, não é simples decodificador daquilo que o emissor depositou na mensagem, mas também um produtor. (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 228)

Esse resgate da figura do receptor como sujeito do processo comunicacional – e não mero objeto que sofre as ações da mídia – leva nossa reflexão ao campo da hermenêutica, disciplina bem presente na gênese do pensamento de Martín-Barbero. Sem pretender alcançar maior profundidade nessa linha de raciocínio, destaco duas ou três idéias de Paul Ricœur e

¹⁵ Transcrição de fala de Lucrecia Ferrara durante o seminário *Comunicação: saber, arte ou ciência?*

¹⁶ A obra de Mikel Dufrenne, *Phénoménologie de l'expérience esthétique*, mostra como no universo das artes o fruidor faz mais do que decodificar o objeto com o qual se depara.

Mikel Dufrenne que podem servir de pistas para a maior compreensão do paradigma das mediações, em suas articulações com os estudos hermenêuticos. Mais do que um esforço de exegese da mensagem, eles investem na hermenêutica, valorizando a experiência estética do receptor. Ricœur confronta os conceitos de explicação e interpretação, para chegar à idéia de compreensão. Ao analisar a leitura de textos literários, ele sustenta que

Deux manières de lire, disons-nous, s'offrent à nous. Nous pouvons, par la lecture prolonger et renforcer le suspens qui affecte la référence du texte, ambiance d'un monde et à l'audience des sujets parlants, attitude explicative. Mais nous pouvons aussi lever ce suspens et achever le texte en parole actuelle. C'est cette seconde attitude qui est la véritable destination de la lecture. (...) L'autre lecture ne serait même pas possible, si d'abord il n'apparaissait pas que le texte, en tant qu'écriture, attend et appelle une lecture ; si la lecture est possible, c'est bien parce que le texte n'est pas fermé sur lui-même, mais ouvert sur autre chose ; lire, c'est, en toute hypothèse, enchaîner un discours nouveau au discours du texte. Cet enchaînement concret d'un discours à un discours dénonce, dans la constitution même du texte, une capacité originelle de reprise qui est son caractère ouvert. L'interprétation est l'aboutissement concret de cet enchaînement et de cette reprise¹⁷. (RICŒUR, 1998, p. 170)

Como se pode notar, as formulações sobre hermenêutica de Ricœur se reproduzem na concepção de mediações de autoria de Martín-Barbero, que foi seu aluno. No caso da comunicação, mais do que a atitude explicativa – ou descritiva – dos fenômenos midiáticos, é preciso enxergar a dimensão interpretativa que se dá no contexto das leituras, marcadas por um diversificado leque de mediações. Fazendo um paralelo, poderíamos dizer que os estudos de comunicação devem ultrapassar a “exegese” dos meios a fim de alcançar uma “hermenêutica” das mediações. Não se trata, por certo, de desprezar a mídia como objeto de estudo, mas de encadear a análise de seus discursos com os discursos recriados no tempo-espço da recepção. Assim como o texto não está fechado nele mesmo, a mídia não se limita aos seus aspectos técnicos ou tecnológicos e, para ser compreendida em sua integralidade, demanda um olhar que se desloque “dos meios às mediações”. Assim como ocorre com as manifestações artísticas, os produtos midiáticos – que também são permeados de elementos estéticos – estão abertos a múltiplas leituras; esperam e pedem o olhar do receptor. Pensar a

¹⁷ Em tradução livre: “Duas maneiras de ler, podemos dizer, se oferecem a nós. Nós podemos, pela leitura, prolongar e reforçar o suspense que afeta a referência do texto, a ambientação de um mundo e os diálogos dos personagens, em uma atitude explicativa. Mas nós podemos, também, levantar o suspense e deslocar o texto a uma linguagem atual. Esta segunda atitude que é a verdadeira destinação da leitura. (...) Uma outra leitura nunca será a mesma, uma vez que desde o início ele não nasce só como texto, mas como escritura que espera e pede por uma leitura ; e se a leitura é possível é por que o texto não está fechado nele mesmo. Mais aberto a outras coisas ; ler é, em qualquer hipótese, encadear um discurso novo ao discurso do texto. Esse encadeamento concreto de um discurso ao discurso exposto, na constituição mesma do texto, como uma potencialidade original de reelaboração é o seu caráter aberto. A interpretação é o resultado concreto desse encadeamento de dessa retomada.”

estética implica em valorizar as possibilidades de interpretação, na busca de um melhor entendimento das impressões provocadas pelas expressões artísticas. Segundo Dufrenne,

*Mais le plus important ici est que l'objet esthétique gagne en être à cette pluralité d'interprétations qui s'attachent à lui : il s'enrichit à mesure que l'œuvre trouve un public plus vaste et une signification plus nombreuse. Tout se passe comme si l'objet esthétique se métamorphosait...*¹⁸ (DUFRENNE, 1992, p. 103)

Também, as mensagens veiculadas na mídia se transformam quando os receptores se apropriam delas. E são diversificados os sentidos que elas ganham, decorrentes das diferentes mediações com as quais os receptores vivenciam. E na medida que elas ganham novos significados, elas se desdobram em novas práticas, em ações. De certa forma, essa é a aposta de Martín-Barbero e de outros autores latino-americanos que apostam nas possibilidades de reelaboração dos discursos da mídia por parte das pessoas. E se isso se faz, é possível desmitificar o poder onipresente da mídia e investir nas possibilidades de ação – e não apenas reação – dos receptores e na construção de um saber coletivo. Na obra *Du texte à l'action: essais d'herméneutique II*, Ricœur nos ensina que entre a teoria do texto e a teoria da ação existe uma relação de interdependência, lembrando que o texto é um bom *paradigma* para a ação humana e a ação, um bom *referente* para toda a classe de textos.

*Telle est l'extraordinaire convergence qui apparaît entre la théorie du texte et la théorie de l'action. Les mêmes apories et les mêmes nécessités d'une solution dialectique ont surgi dans deux champs où peu d'influences se sont exercées d'un champ sur l'autre. J'aimerais suggérer l'idée que cette convergence n'est pas fortuite. Des raisons profondes justifient les transferts de la théorie du texte à la théorie de l'action et vice versa. (...) Je dirai en bref que d'un côté la notion de texte est un bon paradigme pour l'action humaine, de l'autre l'action est un bon référent pour toute une catégorie de textes.*¹⁹ (RICŒUR, 1998, p. 194-195)

Essas formulações hermenêuticas podem ser úteis para as nossas reflexões epistemológicas a respeito do objeto de estudo da comunicação. Podem nos ajudar a superar uma visão fragmentada entre meios e mediações. Assim como entre texto e ação existe uma relação de interdependência, entre meios e mediações podemos encontrar nexos que nos permitam vencer a polêmica que se arrasta ao longo dos anos. Nosso objeto de estudos não pode ficar restrito à dimensão técnica dos meios; os processos midiáticos precisam ser vistos desde a perspectiva das mediações sócio-culturais que envolvem a comunicação na contemporaneidade, que dão sentido à “atualidade”.

¹⁸ Em tradução livre: “Mas, o mais importante aqui é que o objeto estético ganhe em estar frente a essa pluralidade de interpretações que se ligam a ele : ele se enriquece à medida que a obra encontra um público mais vasto e uma significação mais diversificada. Tudo se passa como se o objeto estético se metamorfosasse.”

¹⁹ Em tradução livre:

5. A título de conclusão

Ampliemos o nosso olhar “dos meios às mediações” e tentemos equalizar nossas diferentes conotações desse termo, “mediações”, que pode ser encarado como algo mais do que uma contraposição do objeto “mídia”.

Como se pôde ver, na perspectiva de Ferrara o termo “mediações” se aplica à comunicação não midiaticizada, como é o caso da comunicação interpessoal, onde predomina a linguagem verbal; ou mais precisamente, oral. Neste sentido, abre-se um enorme leque para os estudos de comunicação, que passa pelo gestual, pelo vestuário e toda a gama de manifestações sógnicas, produzidas e percebidas pelos diferentes sentidos do ser humano. Em boa medida, é disso que se ocupa a Semiótica, incluindo, por certo, os fenômenos midiáticos.

Entendo que os estudos de comunicação não podem se limitar ao universo restrito da mídia. Mas, ao alargar a mirada, prefiro acompanhar a proposta de Martín-Barbero, na concepção de “mediações” como parte integrante do processo comunicacional, como contexto no qual os fenômenos midiáticos são vivenciados pelas pessoas e grupos que produzem e re-produzem sentidos. As mediações, neste caso, não se configuram como antítese da mídia, mas como contexto no qual os “textos” midiáticos ganham sentido. A mídia é, a meu ver, componente determinante, sim, de nosso objeto de estudo. Ocorre que o processo não se limita a ela. A mídia deve ser tomada no contexto das mediações, como parte integrante – mas determinante – delas.

Ao optarmos pelas mediações é necessário tomá-las em suas articulações com o universo midiático, a fim de respeitar as delimitações de nosso campo de estudos. Caso contrário, corremos o risco da dispersão. Poderemos cair em um fosso que nos levará não à interdisciplinaridade, mas à extradisciplinaridade. E, com isso, ficaremos sem identidade. Como nos adverte Edgar Morin, em *Para sair do século XX*, “precisamos, pois, compreender que regras, que princípios regem o pensamento que nos faz organizar o real, isto é, selecionar/privilegiar certos dados, eliminar/subalternizar outros” (MORIN, 1986:111).

Por certo, esse movimento de seleção – que nos ajude a bem definir nosso objeto de estudo, como disciplina – não é tarefa individual. Trata-se de um empreendimento coletivo, de um exercício dialógico e dialético, que possa refletir diferentes experiências e “mediações”. Estou aberto ao diálogo.

Referências

- BARROS, Laan Mendes de. “Comunicação na contemporaneidade: perspectivas de um programa de mestrado”. **Líbero IX**, n. 17, jun 2006, pp. 9-20.
- BARROS, Laan Mendes de & KÜNSCH, Dimas A. “‘Saber pensar seu pensamento’: reflexões em conjunto sobre epistemologia da comunicação”. **Líbero X**, n. 19, dez 2007, pp. 11-21.
- DUFRENNE, Mikel. *Phénoménologie de l’expérience esthétique – Tome I – L’objet esthétique*. Paris: Presses Universitaires de France, 1992.
- _____. *Phénoménologie de l’expérience esthétique – Tome II – La perception esthétique*. Paris: Presses Universitaires de France, 1992.
- ECO, Umberto. **A Obra aberta**. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- GARCÍA CANCLINI, Nestor et alli. *Mapas Nocturnos: diálogos con la obra de Jesús Martín-Barbero*. Bogotá: Universidad Central, 1998.
- KÜNSCH, Dimas A. “Comunicação e incomunicação: aproximação complexo-compreensiva à questão”. **Líbero X**, n. 19, jun 2007, pp. 51-59
- LIMA, Venício de Araújo. **Mídia, Teoria e Política**. São Paulo: Perseu Abramo, 2005.
- LOPES, M. Immacolata Vassalo de (org.). **Epistemologia da comunicação**. São Paulo: Loyola, 2003.
- MARTIN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1997.
- MARTINO, Luiz C. “Abordagens e representações do campo comunicacional”. **Comunicação, mídia e consumo** v. 3, n. 8, nov. 2006, pp. 33-54.
- MARTINO, Luiz C. (org.) **Teorias da comunicação: muitas ou poucas?** Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2007.
- MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente: narrativa e cotidiano**. São Paulo: Summus. 2003.
- MORIN, Edgar. **Para sair do século XX**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- RICŒUR, Paul. *Du texte à l’action: Essais d’herméneutique II*. Paris: Ed du Seuil, 1998.
- WOLTON, Dominique. *Penser la communication*. Paris: Flammarion, 1997.